

Artigo original

Prevalência e características do tabagismo nos estudantes do sexto ano de medicina da Fundação Educacional Serra dos Órgãos.

Prevalence and characteristics of smoking among sixth year medical students of Fundação Educacional Serra dos Órgãos.

Antonio Carlos Ferreira¹, Ludmilla Ferreira Tolentino¹, Júlio Maria de Oliveira², Angela Ferreira³.

RESUMO

Introdução: pesquisas internacionais têm avaliado o hábito tabágico dos estudantes de medicina, mas há poucas informações disponíveis sobre os estudantes brasileiros. O objetivo foi avaliar a prevalência e características do tabagismo, nos estudantes do sexto ano de medicina, da Fundação Educacional Serra dos Órgãos. **Metodologia:** estudo transversal realizado entre os estudantes do sexto ano, no primeiro trimestre de 2006, utilizando questionário auto-aplicável, de caráter individual e sigiloso, com perguntas dirigidas a fumantes, ex-fumantes e não fumantes. **Resultados:** dos 153 estudantes, 134 responderam ao questionário, 84 (62,7%) eram do sexo masculino, com média de idade de $24,96 \pm 2,45$ anos. Com relação ao hábito tabágico, 92 (68,7%) eram não fumantes, 18 (13,4%) ex-fumantes e 24 (17,9%) fumantes. Não houve diferença na prevalência entre os sexos. Observou-se diferença significativa em relação a história de tabagismo dos familiares. Não houve diferença entre os grupos com relação ao consumo de álcool. O fato de morar sozinho não contribuiu para que os estudantes começassem a fumar; no entanto, a metade dos fumantes fuma mais agora do que quando entrou na faculdade. A maioria dos estudantes respondeu que o fumo não deveria ser permitido em nenhum local do hospital; no entanto, 14,2% deles disseram que não se incomodariam diante de pessoas fumando na unidade, evidenciando desconhecimento ou negligência aos malefícios do tabagismo passivo. **Conclusão:** a prevalência de tabagismo entre os estudantes de medicina ainda é maior do que o esperado, o que demanda das escolas médicas uma maior reflexão sobre os conhecimentos transmitidos aos seus alunos no controle desta doença.

Descritores: tabagismo; epidemiologia; estudantes de medicina.

ABSTRACT

Introduction: many surveys throughout the world have evaluated the smoking behaviors, beliefs and attitudes of medical students, but little information is available from Brazilian students. Objective was to evaluate the prevalence and characteristics of smoking among sixth year medical students of Fundação Educacional Serra dos Órgãos, in Teresópolis, RJ, Brazil. **Methodology:** a cross-sectional survey in classroom settings using a self-administered questionnaire including questions directed to smokers, former smokers and nonsmokers was performed among sixth year medical students in the first three months of 2006. **Results:** of the 153 sixth year students, 134 answered the questionnaire, 62.7% of the students were male, at an average of 24.96 ± 2.45 years of age. The prevalence of smoking was 17.9%. Gender had no influence on prevalence rate. The group of smokers together with ex-smokers compared to the group of nonsmokers showed significant difference in relation to a familiar history of smoking. No significant difference in alcohol consumption was observed among the groups. Living alone has not led students to start smoking, however, half the smokers smoke more now than when they entered college. The majority of the students believed that smoking must be forbidden in hospitals, however, 14.2% of them answered that they do not mind people smoking inside the hospital, showing that they do not know or neglect the health hazards of passive smoking. **Conclusion:** tobacco smoking is more common among medical students than would be expected, which leads us to believe that target antismoking training should be mandatory for medical students.

Keywords: smoking; epidemiology; students, medical.

1. Interno da Faculdade de Medicina, da Fundação Educacional Serra dos Órgãos

2. Professor Adjunto de Pneumologia, da Faculdade de Medicina, da Fundação Educacional Serra dos Órgãos

3. Professor Adjunto de Pneumologia, da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal Fluminense

Trabalho realizado na Faculdade de Medicina, da Fundação Educacional Serra dos Órgãos (FESO) – Teresópolis – RJ – Brasil. Não existe conflito de interesse para a publicação desta pesquisa.

Endereço para correspondência: Antônio Carlos Ferreira Campos. Rua Mário Alves 78/1902, Icaraí, CEP 24220-270, Niterói, RJ. Tel: (21) 2714-0945, fax: (21) 2610-2692, e-mail: anani@predialnet.com.br

Recebido em 21/08/2006 e aceito em 22/09/2006, após revisão.

INTRODUÇÃO

O tabagismo é considerado uma pandemia, uma vez que morrem, atualmente, no mundo, cinco milhões de pessoas por ano, em consequência das doenças provocadas pelo tabaco.¹

A Organização Mundial de Saúde considera o tabagismo o maior agente isolado, evitável, de morbidade e mortalidade no mundo.²

A dependência à nicotina faz com que os fumantes se exponham, continuamente, a inúmeras substâncias tóxicas, fazendo com que o tabagismo seja fator causal de aproximadamente 50 doenças, destacando-se as doenças cardiovasculares, o câncer e as doenças respiratórias obstrutivas crônicas, sendo, portanto, imprescindível que todos os fumantes sejam aconselhados a parar de fumar.³

A luta antitabágica é um dever de todo profissional de saúde, em especial dos médicos, que podem ter uma influência significativa (positiva ou negativa) no hábito tabágico da comunidade. Médicos têm oportunidade e responsabilidade de atuar em vários níveis para combater o tabagismo, agindo como modelos de comportamento, educadores, terapeutas e defensores da causa antitabágica. Todavia, médicos que fumam tendem a ser mais permissivos e menos inclinados a aconselhar seus pacientes contra o uso do tabaco.⁴

Como futuros médicos, os estudantes de medicina são considerados alvo primordial dos programas de prevenção ao tabagismo. Desta forma, as faculdades de medicina desempenham papel fundamental e devem estar preparadas para ensinar os malefícios causados pelo uso do tabaco e treinar estudantes nas técnicas de cessação.

Existe uma ampla variação nas taxas de tabagismo entre estudantes de medicina. Segundo alguns estudos internacionais, a prevalência caiu entre 1970 e 1990.⁵ Dados nacionais indicam que a prevalência atual de tabagismo, nos estudantes de medicina, varia de 10 a 20%.^{6,7} Uma tendência de queda é observada, mas a velocidade de declínio vem diminuindo nos últimos anos.

O objetivo deste estudo foi calcular a prevalência e descrever as características do tabagismo nos estudantes do sexto ano de medicina da Fundação Educacional Serra dos Órgãos (FESO).

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo transversal com alunos do sexto ano de medicina, da Fundação Educacional Serra dos Órgãos (FESO), durante o primeiro trimestre de 2006. Dos 153 estudantes matriculados, foram incluídos neste estudo 134 que responderam a um questionário auto-aplicável, de caráter individual e sigiloso. Para se obterem as informações necessárias sobre o consumo de tabaco, foi utilizado o questionário da Organização Mundial de Saúde, validado e adaptado no Brasil pelo Instituto Nacional do Câncer. Além das informações

demográficas, tais como sexo e idade, os estudantes responderam sobre sua condição em relação ao hábito de fumar, história de tabagismo dos pais e irmãos, presença de sintomas como tosse seca, produtiva, chiado no peito e história de alcoolismo associada.

As perguntas sobre sintomas respiratórios foram referentes aos últimos doze meses, excluindo-se os sintomas ocorridos durante gripes.

Quando o estudante era fumante, respondia informações adicionais sobre o hábito tabágico, como a quantidade de consumo de cigarros, idade de início do hábito de fumar e interesse em abandonar o tabagismo. Para avaliação do grau de dependência tabágica, foi utilizada a escala de Fagerström⁸ e para os estágios de comportamento, em relação ao interesse de abandonar o tabagismo, foi utilizado o modelo de Prochaska e Di Clemente.⁹

O ponto de corte, para definição de fumante, foi ter fumado um ou mais cigarros por dia, há pelo menos um mês e, para ex-fumantes, foi ter parado de fumar há mais de um mês.¹⁰

Todos os entrevistados (estudantes fumantes, ex-fumantes e não fumantes) responderam perguntas sobre o hábito de fumar dentro do hospital e atitude diante de pessoas fumando dentro da unidade.

Os estudantes que participaram do estudo deram seu consentimento por escrito e preencheram os questionários nas salas de aula, após esclarecimentos e orientações básicas sobre o preenchimento dos mesmos, com a supervisão de dois estudantes do sexto ano de medicina, previamente treinados para esse fim.

Na análise estatística, as variáveis qualitativas foram analisadas por meio de distribuições de frequências simples e percentuais. Para variáveis quantitativas, foram utilizadas médias aritméticas e desvios padrões. Para associação das variáveis qualitativas, foi empregado o teste não-paramétrico de χ^2 (qui-quadrado). Para comparação das médias aritméticas de 2 grupos, foi aplicado o teste "t" de Student. Análise de variância (ANOVA) foi utilizada para comparação de mais de 2 grupos e, quando significativo o valor de "F" de Snedecor, foi empregado o teste de Bonferroni, para confronto das médias aritméticas e complementação da análise. Adotou-se o nível de significância de 5% de probabilidade. Para execução da análise foi utilizado o software EPI-INFO, versão 6.04.

RESULTADOS

Dos 134 estudantes que responderam ao questionário, 84 (62,7%) eram do sexo masculino e 50 (37,3%) do sexo feminino, com média de idade de $24,96 \pm 2,45$ anos (mínima de 21 e máxima de 42 anos).

Com relação ao hábito tabágico, 92 (68,7%) eram não fumantes, 18 (13,4%) eram ex-fumantes e 24 (17,9%) eram fumantes (gráfico 1). Observou-se uma distribuição de frequência semelhante nos grupos, em relação ao sexo, e uma diferença significati-

va entre a idade dos não fumantes e dos fumantes ($p \leq 0,01$), com idades mais elevadas no grupo dos fumantes. Verificou-se uma distribuição de frequência semelhante, em relação a história de tabagismo do pai e da mãe, entre os grupos de alunos; no entanto, houve diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,01$) nas distribuições de frequências entre os grupos de fumantes e ex-fumantes, comparados aos não-fumantes, quanto a história de tabagismo do familiar irmão. Quando se associou o grupo de fumantes com ex-fumantes e comparou com o de não fumantes, houve diferença significativa ($p \leq 0,05$) em relação aos familiares, em conjunto.

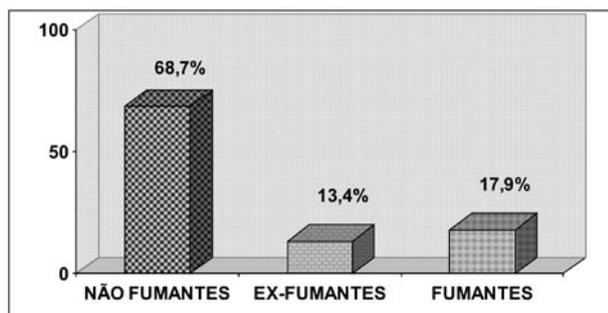


Gráfico 1 - Distribuições de frequências percentuais quanto ao tabagismo entre os estudantes avaliados (estudantes de medicina - FESO, Teresópolis, RJ, 2006).

A tosse foi o sintoma predominante nos fumantes, ocorrendo em 29,1% (7/24) deles, em 11,1% (3/18) dos ex-fumantes e em apenas 7,6% (6/92) dos não fumantes.

Dos 134 estudantes entrevistados, 103 (76,8%) referiram que bebiam na maioria dos finais de semana, sendo que 72,8% eram não fumantes e 85,7%, fumantes e ex-fumantes. Não houve diferença estatisticamente significativa entre estes dois grupos, em relação ao consumo de álcool. Também não foi observada diferença estatisticamente significativa entre os sexos, na amostra geral, com relação ao consumo de álcool. A média de idade de iniciação ao consumo de álcool foi de $15,85 \pm 2,0$ anos, variando de 12 a 21 anos.

Dez (55,5%) ex-fumantes e dezoito (75%) fumantes relataram que já fumavam antes de entrar para faculdade. O fato de morar sozinho não contribuiu para que os estudantes comessem a fumar; no entanto, a metade dos fumantes fuma mais agora do que quando entrou na faculdade.

Dos 24 fumantes, 14 apresentavam grau de dependência à nicotina muito baixo; quatro, grau de dependência baixo; três, grau de dependência médio e três, elevado grau de dependência. A mediana de cigarros fumados foi de 10 cigarros/dia, variando de 1 a 20 cigarros/dia. A média de idade de iniciação ao tabagismo foi de $18,9 \pm 3,08$ anos, variando de 12 a 25 anos, e a mediana do tempo de tabagismo foi de 7,5 anos, variando de 1 a 20 anos (tabela 1).

Tabela 1 - Medidas de posição e variação do número de cigarros consumidos por dia, idade de iniciação, tempo de tabagismo do grupo de estudantes fumantes. FESO, Teresópolis, RJ, 2006.

Variáveis	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo
Cigarros/dia	9,46	7,23	10	1	20
Idade de iniciação	18,92	3,08	19	12	25
Tempo que fuma	7,87	4,38	7,5	1	20

Com relação ao estágio de motivação para abandonar o tabagismo, dois encontravam-se no estágio pré-contemplativo (sem interesse em parar de fumar), 19 no estágio contemplativo (pensam em parar nos próximos seis meses) e três estavam prontos para a ação (desejavam parar no próximo mês). Dos 24 fumantes, nove nunca tentaram parar de fumar e a mediana de tentativas dos 15 restantes foi de duas vezes, variando de 1 a 5 tentativas.

Dos 18 ex-fumantes, nove já haviam parado de fumar há mais de 1 ano, quatro pararam entre 2 meses e 1 ano e cinco, há menos de 2 meses. A mediana do tempo de tabagismo foi de cinco anos.

Todos os estudantes entrevistados responderam sobre o hábito de fumar dentro do hospital. Setenta e cinco (56,0%) responderam que o fumo não deveria ser permitido em nenhum local, cinquenta e oito (43,3%) responderam que o fumo deveria ficar restrito a áreas pré-determinadas (fumódromos) e apenas um (0,7%) fumante respondeu que deveria ser permitido fumar dentro do hospital (gráfico 2). Ao serem questionados sobre qual seria a sua atitude diante de alguém que está fumando dentro do hospital, 115 (85,8%) responderam que se incomodariam e 19 (14,2%), que não se incomodariam (gráfico 3).

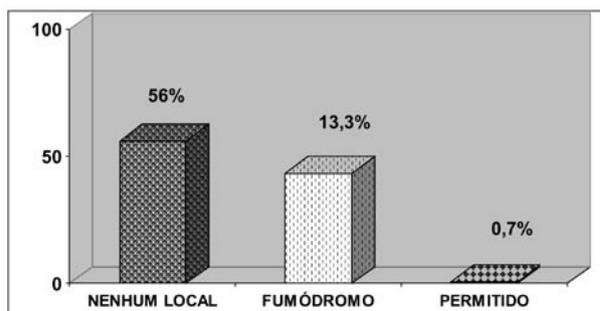


Gráfico 2 - Distribuições de frequências percentuais da amostra geral quanto a fumar dentro do hospital (estudantes de medicina - FESO, Teresópolis, RJ, 2006).

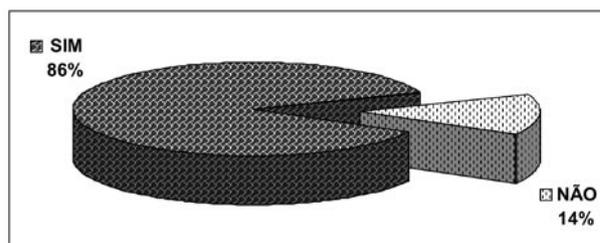


Gráfico 3 - Distribuições de frequências percentuais quanto a se incomodar diante de alguém fumando dentro do hospital (estudantes de medicina - FESO, Teresópolis, RJ, 2006).

DISCUSSÃO

Vários estudos têm demonstrado uma prevalência de tabagismo entre médicos e estudantes de medicina inferior à encontrada na população geral.^{5,11} Existe uma ampla variação nas taxas de tabagismo entre estudantes de medicina. Um estudo americano¹² mostrou que apenas 3,3% dos estudantes de medicina fumavam. Já na Grécia,¹³ 33,2% dos estudantes do sexo masculino e 23,7% do sexo feminino fumavam. Na Alemanha,¹⁴ a prevalência do vício tabágico foi de 23,7%. Um estudo realizado na Espanha,⁵ entre estudantes do sexto ano da faculdade de medicina de dezenove universidades, mostrou uma prevalência de tabagismo de 27%. Na Albânia,¹⁵ num estudo realizado na Universidade de Tirana com 185 alunos do quinto ano de medicina, a prevalência de fumantes foi de 43%.

Dados nacionais indicam que a prevalência de tabagismo nos estudantes de medicina varia de 10 a 20%.^{6,7,11} Em recente estudo publicado,¹⁶ avaliando 618 alunos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, a prevalência de fumantes foi de 14%. Neste estudo, a prevalência de tabagismo entre os estudantes do sexto ano de medicina foi de 17,9%.

Acredita-se que os pacientes procurem nos médicos modelos de comportamento. Logo, é provável que a credibilidade e eficácia do tratamento médico contra o tabagismo estejam sob a influência do vício tabágico do próprio médico. Estudos demonstraram que o comportamento dos profissionais de saúde pode influenciar significativamente os comportamentos relacionados à saúde dos pacientes. Por isso, a prevalência do tabagismo entre estudantes de medicina, futuros médicos, responsáveis pela prevenção e erradicação do tabagismo na comunidade, deveria ser ainda menor.

Em estudo realizado com estudantes de medicina franceses,¹⁷ não se observou diferença na prevalência de fumantes em relação ao sexo, o que também foi verificado neste estudo. No entanto, a maioria dos estudos refere uma maior prevalência entre os estudantes do sexo masculino.^{5,15} Menezes (2004)^{1,11} chama atenção para o aumento do consumo do tabaco que vem ocorrendo entre as mulheres e adolescentes.

Com relação à história de tabagismo dos familiares associada ao hábito tabágico do estudante, os estudos são controversos. No estudo de Menezes et al. (2004)^{1,11}, com 447 estudantes do primeiro ao quinto ano da Faculdade de Medicina da Universidade de Pelotas, não houve associação do tabagismo atual e o tabagismo dos pais. O estudo de Brenner et al. (1996)¹⁴ demonstrou associação com o tabagismo materno, mas não com o paterno. Neste estudo, quando se comparou o grupo de fumantes associado ao de ex-fumantes com o grupo de não fumantes, observou-se diferença significativa em relação à história de tabagismo de todos os familiares (pai, mãe e irmãos).

Apesar de vários estudos demonstrarem a associação do tabagismo com o uso de álcool e drogas ilícitas, neste estudo não houve diferença entre os grupos em relação ao consumo de álcool.

A tendência linear direta entre tabagismo e o ano cursado tem sido descrita na literatura.^{11,15} Neste estudo, apesar de terem sido analisados somente os alunos do sexto ano, a metade deles relatou que fuma mais agora do que quando entrou para faculdade, o que talvez possa estar relacionado com a ineficiência dos conhecimentos sobre o tabagismo repassados aos estudantes durante a faculdade e/ou a um maior nível de estresse a que estes alunos estão submetidos no final do curso médico.

Semelhante ao relatado na literatura, a maioria dos estudantes fumantes apresentava baixo grau de dependência à nicotina; no entanto, encontravam-se no estágio contemplativo com relação à intenção em abandonar o hábito tabágico, ou seja, reconheciam que precisavam parar de fumar, mas não estavam prontos para ação, o que reforça a importância de uma maior atuação das escolas médicas, inserindo e/ou reforçando o ensino do tabagismo em seus currículos.

Com o objetivo de se evitar o início e auxiliar na cessação do tabagismo, várias organizações internacionais têm recomendado que as universidades proibam a venda e a publicidade dos derivados do tabaco, além de vetar o uso do tabaco em todos os locais da instituição.¹⁸

Um estudo realizado na Albânia¹⁵ mostrou que a maioria dos estudantes de medicina achava que deveria ser proibido fumar dentro do hospital. Rosseli et al. (2001)¹⁹ estudaram a prevalência e atitudes com relação ao tabagismo, entre estudantes do primeiro e quinto ano de medicina de 11 escolas na Colômbia, e relataram que a prevalência foi semelhante entre o primeiro e o quinto ano, mas os estudantes do quinto ano foram mais complacentes com o hábito de fumar dentro dos centros de saúde e mostraram menor desejo de abandonar o tabagismo. Jossieran et al. (2003)¹⁷ avaliaram o conhecimento, opiniões e consumo de cigarros de 681 estudantes de uma faculdade de medicina na França e observaram uma prevalência de fumantes de 34,6%. Aproximadamente 100% dos estudantes acreditavam que o hábito de fumar incomodava outras pessoas e 75% achavam que eram modelo de comportamento para outros, com relação ao uso do tabaco. Neste estudo, apesar da maioria dos estudantes responder que o fumo não deveria ser permitido em nenhum local do hospital, 14,2% deles disseram que não se incomodariam diante de pessoas fumando dentro da unidade, o que demonstra desconhecimento ou negligência aos malefícios do tabagismo passivo.

Conclui-se que a prevalência de tabagismo entre os estudantes de medicina ainda é maior do que o esperado, o que demanda das escolas médicas uma maior reflexão sobre os conhecimentos transmitidos aos seus alunos no controle desta doença.

REFERÊNCIAS:

1. Menezes AMB. Epidemiologia do tabagismo. *J Bras Pneumol* 2004;30(2):S3-7.
2. Rosemberg J. Nicotina- droga universal. [cited in 2005 julho 8]. Available at: <http://www.inca.gov.br>
3. Meirelles RHS, Gonçalves CMC. Abordagem cognitivo-comportamental do fumante. *J Bras Pneumol* 2004;30:S30-5.
4. Gil E, Robledo T, Rubio JM, Bris MR, Espiga I, Sáiz I. Prevalencia del consumo de tabaco en los profesionales sanitarios del insalud 1998. *Prev Tab* 2000;2:22-31.
5. Mas A, Nerin I, Barrueco M, Cordero J, Guillén D, Jiménez-Ruiz C, et al. Smoking habits among sixth-year medical students in Spain. *Arch Bronconeumol* 2004;40:403-8.
6. Menezes A, Palma E, Holthausen R, Oliveira R, Oliveira OS, Devéns E, et al. Evolução temporal do tabagismo em estudantes de medicina, 1986, 1991, 1996. *Rev Saúde Publica* 2001;35:165-9.
7. Rosemberg J, Perin S. Tabagismo entre estudantes da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba. Tabagismo nos estudantes e nos médicos. *J Pneumol* 1990;16:13-22.
8. Fagerström KO, Schneider NG. Measuring nicotine dependence: a review of the Fagerström tolerance questionnaire. *J Behav Med* 1989;12:159-82.
9. DiClemente CC, Prochaska JO, Fairhurst SK, Velasquez MM, Rossi JS. The process of smoking cessation: an analysis of precontemplation, contemplation and preparation stages of change. *J Consult Psychol* 1983;51:390-1.
10. World Health Organization. Definitions of smoking. Global link. Geneva; 2003.
11. Menezes AMB, Halal PC, Silva F, Souza M, Paiva L, D Ávila A, et al. Tabagismo em estudantes de medicina: tendências temporais e fatores associados. *J Bras Pneumol* 2004;30(3):223-8.
12. Patkar AA, Hill K, Batra V, Vergare MJ, Leone FT. A comparison of smoking habits among medical and nursing students. *Chest* 2003;124:1415-20.
13. Mammias IN, Bertisias GK, Linardakis M, Tzanakis NE, Labadarios DN, Kafatos AG. Cigarette smoking, alcohol consumption, and serum lipids profile among medical students in Greece. *Eur J Public Health* 2003;13:278-82.
14. Brenner H, Scharrer SB. Parental smoking and sociodemographic factors related to smoking among German medical students. *Eur J Epidemiol* 1996;12:171-6.
15. Vakefliu Y, Argjiri D, Peposhi I, Agron S, Melani AS. Tobacco smoking habits, beliefs, and attitudes among medical students in Tirana, Albania. *Prev Med* 2002;34(3):370-3.
16. Silva Junior CT, Braga MU, Vieira HV, Bastos LDP, Tebaldi BF, Ronchetti RM, et al. Prevalência de tabagismo entre estudantes de graduação em medicina da Universidade Federal Fluminense. *Pulmão RJ* 2006;15(1):11-5.
17. Josseran L, Raffin J, Dautzenberg B, Brucker G. Knowledge, opinions and tobacco consumption in a French faculty of medicine. *Presse Med* 2003;32(40):1883-6.
18. De Andrade APA, Bernardo ACC, Viegas CAA, Ferreira DBL, Gomes TC, Sales MR. Prevalência e características do tabagismo em jovens da Universidade de Brasília. *J Bras Pneumol* 2006;32(1):23-8.
19. Rosselli D, Rey O, Calderon C, Rodriguez MN. Smoking in Colombian medical schools: the hidden curriculum. *Prev Med* 2001;33(3):170-4.